

# Espaços e territórios do turismo: reflexões e indagações

Aguinaldo Cesar FRATUCCI<sup>1</sup>

Claudia Correa de Almeida MORAES<sup>2</sup>

Thiago ALLIS<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo de teor ensaístico tem por objetivo avançar nas reflexões sobre a construção dos territórios turísticos, tendo por referência a participação dos vários agentes sociais e partindo do princípio que o turista não é o único desses agentes. Entende-se que é preciso extrapolar uma visão reticular acerca dos territórios turísticos, que priorizam pontos praticamente isolados e acarretam descontinuidades e fragmentação, para outra que incorpore o conceito do território-rede, oportunizando um olhar mais integrado e complexo acerca das relações espaciais e da produção dos territórios para o turismo. Apresentam-se metodologias de pesquisa que vêm sendo desenvolvidas e aplicadas em projetos de pesquisa financiados pelo CNPq, como estímulo ao debate que deverá levar a uma ampliação das possibilidades de compreensão do fenômeno do turismo na contemporaneidade, em que pesem as dinâmicas territoriais dos turistas em destinos urbanos – com a utilização de tecnologias da informação para georreferenciamento de fluxos – e os movimentos pendulares dos trabalhadores do turismo. Como reflexão geral, reforçamos a necessidade de valorizarem posturas e práticas de pesquisa que ensejem abordagens dialéticas e dialógicas na busca dos significados do turismo contemporâneo, fazendo dos conflitos e tensões elementos formativos, que merecem ser incorporados ao – e não solapados do – processo de construção do conhecimento.

**Palavras-chave:** Turismo. Espaço. Território. Metodologia. Agentes Sociais.

## Introdução

O presente artigo de teor ensaístico apresenta algumas iniciativas de um grupo de pesquisadores que, nos últimos anos, vem trabalhando na busca de novas metodologias para a compreensão do fenômeno turístico contemporâneo. Nesse sentido, é importante ter como referências dois pontos: 1) partimos do entendimento do turismo como um fenômeno socioespacial complexo resultado da ação de diferentes grupos de agentes sociais que o produzem a partir de lógicas específicas, distintas e complementares de territorialização; 2) a complexidade do fenômeno exige posturas metodológicas mais atentas dos pesquisadores, que devem ir além das análises dialéticas e buscar a incorporação e não apenas a eliminação das contradições em seus estudos, assumindo uma postura mais dialógica frente aos seus campos de estudo. Esta opção nos sugere a busca pela construção do conhecimento do fenômeno turístico a partir de metodologias e técnicas de pesquisas que ampliem os pontos de vistas lançados sobre ele. Para tanto, entendemos que refletir dialogicamente é “buscar substituir o esquema ‘ou... ou’ proposto pelo pensamento dialético, que nos leva à lógica da

---

<sup>1</sup> Doutor em Geografia. Docente e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Turismo da Faculdade de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal Fluminense. [acfratucci@turismo.uff.br](mailto:acfratucci@turismo.uff.br).

<sup>2</sup> Doutora em Geografia. Professora Adjunta da Faculdade de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal Fluminense. [ccamoraes@id.uff.br](mailto:ccamoraes@id.uff.br)

<sup>3</sup> Doutor em Arquitetura e Urbanismo. Professor Adjunto do Departamento de Geografia, Turismo e Humanidades da Universidade Federal de São Carlos. [thiagoallis@ufscar.br](mailto:thiagoallis@ufscar.br).

disjunção/separação, pelo esquema ‘e... e’ proposto por Morin na sua obra *Le vif du sujet* (1969)” (Fratucci, 2014, p.89).

Para tanto, ao considerarmos o fenômeno turístico como o resultado das ações dos seus diferentes grupos de agentes sociais produtores estamos pressupondo-o como um sistema complexo, aberto, dinâmico e em constante movimento (Capra, 1997; Morin, 1999), o que torna o trabalho de quem o estuda bastante árduo e sempre incompleto. Cada um dos agentes sociais age e interage entre si e com os demais agentes sociais a partir de lógicas de territorialização distintas, quase sempre aleatórias, sazonais e diacrônicas, o que nos impede de pensar o turismo como um sistema fechado ou estático. Tal mobilidade dos diversos agentes sociais sempre se concretiza em uma dimensão espacial específica, o que torna o espaço um dos pontos de partida para a compreensão de todo o processo de produção do turismo. Entretanto, a dimensão espacial – o que implica reconhecer toda sua complexidade – tem sido pouco ou quase nunca, levada em consideração nas políticas e ações direcionadas para o desenvolvimento do setor turístico (Fratucci, 2014).

Diante disso, o primeiro e talvez mais contundente pressuposto é que o agente produtor do turismo não se limita ao turista. Além dele, outros agentes sociais agem e produzem os espaços do turismo: os agentes do capital (o mercado), o poder público em suas distintas escalas e dimensões, as populações residentes nos destinos turísticos e os trabalhadores direta ou indiretamente envolvidos com o turismo. Todos atuam como sujeitos do fenômeno e, juntos constroem o espaço do turismo que, no nosso entender é maior e mais complexo que o espaço do turista.

A partir dessa tese – o espaço do turismo maior e mais complexo que o espaço do turista – pretendemos aprofundar, dialogicamente, nossos olhares sobre a produção do espaço pelos demais agentes sociais acima indicados, buscando um conhecimento mais abrangente do território decorrentes dessas ações independentes e complementares que resultam nos destinos turísticos contemporâneos. Intentamos lograr uma metodologia que nos possibilite mapear cada um desses espaços produzidos a partir dos movimentos pendulares e sazonais de cada um dos agentes sociais do turismo. A construção desses mapas irá nos permitir visualizar o território-rede estabelecido por cada um desses agentes sociais e, sua superposição em camadas (num sistema de *overlay*), irá nos possibilitar a compreensão mais abrangente do território do turismo, permitindo a tomada de decisões estratégicas e táticas mais compatíveis com as metas de promover processos de desenvolvimento turístico sustentáveis e duradouros nas localidades e regiões turistificadas.

O ensaio estrutura-se a partir de uma discussão sobre a terminologia adotada atualmente para designar os espaços apropriados para o turismo, indagando se devemos falar de espaço ou de território do turismo. Segue abrindo a discussão sobre os processos de construção dos territórios do turismo pelos seus diversos agentes sociais a partir de suas diferentes lógicas de apropriação do espaço. Finaliza com uma discussão sobre novas possíveis metodologias para o estudo desses processos espaciais, apresentando duas primeiras pesquisas: a primeira vinculada ao mapeamento dos espaços do turista e a segunda dos espaços dos trabalhadores do setor turístico.

## **Espaços ou territórios do turismo?**

A dimensão espacial inerente ao fenômeno turístico não pode mais ser ignorada tanto pelos estudiosos e pesquisadores, como pelos gestores públicos e privados, sob pena de assistirmos a uma série de equívocos nos processos de ordenamento e gestão dos espaços apropriados para o turismo. Partindo do entendimento do turismo como fenômeno socioespacial complexo e dinâmico, resultado da ação de diversos grupos de agentes sociais em determinadas porções do espaço, entendemos como essencial a compreensão das lógicas territoriais que cada um desses agentes adota para a satisfação das suas demandas e expectativas.

Segundo o geógrafo francês Knafou (1996), os processos de apropriação do espaço pelos agentes sociais do turismo, mais conhecidos como turistificação, concretizam o fenômeno turístico e a atividade turística dele resultante se coloca atualmente, como umas das mais importantes e dinâmicas da economia global.

O fenômeno socioespacial do turismo envolve diversos grupos de agentes sociais diferentes (turistas, empresários, poder público, trabalhadores diretos e indiretos e população residente nos destinos turísticos, para mencionar os principais), resultando em processos de turistificação de determinados porções do espaço, responsáveis pela constituição de territórios descontínuos que se organizam, principalmente, a partir da lógica reticular das redes.

No contexto de redes é possível optarmos por compreender o fenômeno turístico como um sistema que possui o funcionamento de suas individualidades como totalidades integradas. Analogicamente no turismo, pode-se propor uma análise por meio dos estudos interorganizacionais (relacionamento de suas organizações) e intraorganizacionais (de seus agentes) que levam às tomadas de decisões dos envolvidos. As atividades das organizações se relacionam pela formação de nós e os agentes sociais pelos laços, que os tornam conectados e criam arranjos que podem ser desfeitos e novamente refeitos em outros formatos. Portanto, existe uma mobilidade neste sistema. A mobilidade é fundamental para a maneira pela qual as pessoas vivem cada vez mais em redes, em um hiperespaço multifacetado que ultrapassa a capacidade do corpo humano de se localizar e de se organizar (Moraes, 2013).

Nos territórios-rede do turismo (Fratucci, 2008) constatamos a presença de territorialidades distintas convivendo e disputando, em um eterno devir, os espaços apropriados a partir de lógicas específicas, nem sempre convergentes. Essa possibilidade de multiterritorialidades gera, por sua vez, a multiplicidade de funções coexistindo no mesmo território (Massey; Keynes, 2012), no território do turismo.

Aqui identificamos a necessidade de iniciar uma reflexão sobre o uso, a nosso ver equivocado, das categorias de espaço e territórios nos estudos e pesquisas sobre o turismo. De um modo geral, predomina na literatura sobre o turismo, o uso da terminologia “espaço turístico” ou “espaço do turismo” para designar as porções do espaço apropriadas para o turismo (Boullón, 1990; Hall & Page, 1999; Moura, 2007; Coriolano, 2006; Cruz, 2006;

Gandara, Souza & Lacay, 2011, dentre outros). Especificamente na América Latina, a partir da produção bibliográfica gerada pelo CICATUR nas décadas de 1970 e 1980, nota-se o uso deliberado da expressão “espaço turístico” para designar os territórios do turismo. A própria definição desse termo elaborada por Boullón (1990) contribui para esse equívoco. Segundo ele, o espaço turístico é “consecuencia de la presencia y distribución territorial de los atractivos turísticos [...]. Este elemento del patrimonio turístico, mas La planta turística, es suficiente para definir el espacio turístico de cualquier país” (Boullón, 1990, p.65).

Seguindo de uma visão mais crítica, partimos do entendimento do espaço como instância da sociedade contemporânea, constituída por um movimento intenso, contraditório e dialógico entre forma, função, estrutura e processos (Santos, 1997). Inserido nessa instância, os agentes sociais produtores do turismo, a partir de processos de apropriação de porções do espaço, constroem territórios e territorialidades distintas (Haesbaert, 2011), complementares e recursivas (Morin, 2005; 1999) que, aos serem superpostos (Santos, 1997), compõem o território do turismo.

O espaço apropriado pelos agentes sociais do turismo conforma o território do turismo e, é esse território que deve ser o objeto das políticas públicas e os processos de planejamento e ordenamento (territorial!). Não é o espaço que deve ser planejado e sim o território construído para o turismo<sup>4</sup> – ainda que aquele seja uma instância reflexiva e deva compor o substrato de compreensão do fenômeno como um todo.

## **A construção dos territórios do turismo**

Na sua essência básica, o turismo se compõe dos movimentos e das paradas dos turistas por determinadas porções do espaço privilegiadas por alguns elementos como paisagens naturais preservadas, patrimônios históricos culturais, às quais é agregada toda a uma sequência de equipamentos e serviços que torna possível o seu consumo pelos visitantes (Fratucci, 2014, p. 45). Nos momentos de paradas ocorrem os processos de territorialização dos visitantes, quando eles se apropriam, mesmo que fugidamente, dos elementos do espaço visitado a partir de uma lógica reticular (Haesbaert, 2011), e se fixam em alguns pontos enquanto ignoram outros. A partir dessa ação primeira do visitante (turista), os demais agentes sociais envolvidos por ele e com ele, vão também, se apropriando de porções do espaço e criando os seus territórios específicos, também predominantemente a partir de lógicas de apropriação reticulares.

As porções do espaço apropriadas por cada um dos diversos agentes sociais envolvidos com o turismo estruturam-se em um território-rede complexo, sazonal, dinâmico e “líquido” (Bauman, 2001). Visto dessa forma, o território do turismo estrutura-se a partir de uma sobreposição dos territórios construídos por cada um dos agentes sociais responsáveis pelo acontecer do fenômeno turístico e não apenas pelo território que contém a atividade

---

<sup>4</sup> Optamos pela expressão “para o turismo” em lugar da expressão “pelo turismo” por entendermos que o turismo não é o sujeito da ação e sim a consequência das ações dos diferentes agentes sociais que o produzem.

turística, na sua evidência mais óbvia – daí, portanto seu caráter descontínuo e não contíguo.

Segundo Coriolano (2006, p. 368), o turismo contemporâneo caracterizado como uma “atividade produtiva moderna reproduz a organização desigual e combinada dos territórios capitalistas, sendo absorvido com maneiras diferenciadas pelas culturas e modos de produção locais”. Interessante destacar que, o turismo tem se revelado como uma das mais recentes forças do processo de acumulação capitalista, construindo novas espacialidades quase sempre contraditórias, oriundas das atividades e ações do “Estado, das empresas, dos residentes, e dos turistas. Compreender essa dinâmica significa entender as relações produtivas do espaço e o exercício de poder do Estado, das classes empresariais e trabalhadoras em movimento e conflito” (Coriolano, 2006, p. 368).

Retomando o método de estudo do espaço proposto por Santos, (1997), posteriormente aplicado por Rodrigues (1997) no estudo do espaço do turismo, olhamos para o espaço como uma “realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação” (Rodrigues, 1977, p.49) o que nos indica que, para conhecer o espaço e a sua produção de maneira mais ampla, precisamos avançar incluindo “a compreensão dos efeitos dos processos (tempo e mudança)”. Esse procedimento nos levará às noções de forma, função e estrutura. Segundo Milton Santos, tanto a compreensão da organização espacial como da sua evolução somente se torna possível a partir de um estudo detalhado do “processo dialético entre formas, estrutura e funções através do tempo” (Santos, 1997, p. 50). Preferimos complementar a proposta daquele autor, incluindo também o estudo dos processos dialógicos que se estabelecem entre aquelas três categorias, uma vez que os entendemos contraditórios, mas também complementares e recursivos (Morin, 2005, 1999).

Corroborando com essa visão mais ampliada dos processos de produção dos espaços do turismo, entendemos ser premente a inclusão dos agentes sociais produtores do turismo nas pesquisas sobre os processos de turistificação do espaço. Para tanto, é necessário olhar para a lógica de apropriação do espaço que cada um daqueles agentes sociais utiliza para produzir os seus territórios específicos.

## **Os agentes sociais do turismo e suas lógicas territorialização**

A partir da concretização do turismo sobre determinadas porções do espaço a partir das ações dos seus diversos agentes sociais, observamos diversos processos de territorialização que se sobrepõem e compõem o que denominamos de território do turismo. Esse território é frequentemente descontínuo, seguindo uma lógica reticular e, por isso, pode ser visto como um território-rede (Souza, 1995; Fratucci, 2014, 2008).

O agente provocador dos processos de apropriação do espaço para o turismo, o turista, age segundo uma lógica bastante específica, destinada a atender às suas necessidades e demandas no tempo de lazer e de ócio. Diante do processo de flexibilização tanto do capital como do trabalho, que vem operando a partir da segunda metade do século XX, o turista contemporâneo tende a fragmentar suas férias e a optar por viagens mais curtas, porém mais constantes. Durante essas viagens, o turista se apropria de pontos

específicos do espaço por onde circula, construindo um território reticular que irá compor a sua memória dos lugares visitados. Esses pontos compostos pelos atrativos turísticos, pelos meios de hospedagem e por outros equipamentos e serviços turísticos (restaurantes, mirantes, bares, parques temáticos, etc.) comporão o território-rede do turista, quase sempre flexível, por onde ele circula e permanece temporariamente, indiferente ao que acontece nos interstícios entre os pontos selecionados. (Fratucci, 2008)

Por outro lado, os agentes do mercado podem se apropriar dos espaços para desenvolverem suas atividades turísticas de uma maneira previamente direcionada (destinos turísticos inventados) ou a partir da incorporação dos destinos turísticos “descobertos” pelos turistas. Em ambos os casos, observamos certo descompromisso dos empresários com o espaço e sua territorialização é quase sempre reticular, a partir da estruturação das suas redes comerciais, de serviços e de interesses. A lógica desses agentes é a do capital e da lucratividade e, apesar de sua lógica em escala micro ser aparentemente zonal, uma vez que têm que se localizarem em um ponto específico, suas relações são, quase sempre, verticalizadas atingindo a todo o mercado turístico possível dentro da sua capacidade de atuação.

Com uma atuação quase sempre discreta e retardada em relação aos dois agentes sociais anteriores (turistas e mercado), o Estado, através das suas distintas instâncias de governo (federal, estadual e municipal), procura coordenar suas ações e políticas a partir de uma lógica zonal de ordenamento de todo o território sob a sua jurisdição. Entretanto, na atualidade a força do capital financeiro ao cooptar os governos tem levado a que esses atuem sob uma lógica mais reticular, privilegiando em suas ações para pontos específicos dos seus territórios, conforme o interesse do mercado. Aqui a contradição é evidente: o duelo entre o interesse público e o interesse privado é constante e regula as ações desse agente social que, a princípio, deveria assumir a regulação de todos os processos de apropriação do espaço para o turismo.

Os outros agentes sociais envolvidos pelos processos de turistificação do espaço – população residente dos destinos turísticos e trabalhadores diretos e indiretos do setor – apresentam lógicas mais zonais de apropriação de espaços, pois o fazem a partir de suas lógicas de vida e de busca de trabalho e renda. A lógica de vida liga-se à lógica do lugar e, portanto, compõem os territórios do cotidiano, quase sempre contínuos e bem definidos pelas suas relações de sociais mais intensas. Essa lógica pode ser rompida parcialmente quando a necessidade de busca de trabalho leva os agentes sociais a “escaparem” dos seus lugares de vida. Dessa forma, acabam também assumindo uma lógica reticular de apropriação do seu espaço, por conta de terem de buscar emprego onde eles são oferecidos e não, onde eles vivem.

Entretanto, na busca por uma visão mais ampliada desses territórios do turismo, devemos cuidar para não nos limitarmos a uma leitura pelos padrões da lógica reticular (Haesbaert, 2011). Em determinados momentos, de maneira sincrônica ou diacrônica, alguns dos agentes sociais envolvidos no processo de turistificação também pode agir a partir de lógicas mais zonais, como é o caso dos agentes do poder público e a população residente

que, antes de tudo, tem ali o seu lugar de vida permanente. Essas territorialidades dos diversos agentes sociais produzem, a partir de lógicas zonais e reticulares que se complementam e se articulam no espaço e no tempo, o território do turismo.

O território do turismo é, portanto, a soma dos territórios produzidos pelos turistas, os agentes do mercado, o poder público, os trabalhadores da atividade (diretos e indiretos) e pela população local dos destinos turísticos. Nos processos estratégicos de construção de políticas públicas e de gestão desses territórios torna-se condição *sine qua non* a contemplação das relações e interações que se estabelecem entre os territórios de cada agente social, pois é a partir delas que se estabelece o território do turismo, em sua concretude e totalidade.

Os resultados de cada um desses processos de territorialização resultam em recortes espaciais distintos, descontínuos que, ao serem sobrepostos nos mostram que o espaço apropriado para o turismo – o território do turismo – é mais amplo que o espaço do turista, aquele que até agora estamos acostumados de denominar de espaço turístico (Boullón, 1990). Cada um dos agentes sociais desenvolve processos específicos, com características próprias que devem ser observados e estudados como partes de processos dialógicos, complementares, concorrentes e contraditórios. O território-rede do turismo deve ser visto como um território que contem e é contido pela complexidade do fenômeno turístico atual, o qual, segundo Ivars (2003, p. 19) deve ser assumido como “exponente del proceso de reorganización espacial de la producción y el consumo propios el sistema capitalista global”.

### **Busca por metodologias para compreensão dos territórios do turismo**

Diante da complexidade dos territórios do turismo, mantendo uma perspectiva mais aberta e transdisciplinar (Morin, 1991, Baptista, 2014), entendemos que a compreensão dos mesmos poderá ser construída a partir do estudo dos processos de apropriação do espaço de cada um dos grupos de agentes sociais identificados. Essa postura, a princípio positivista (dividir para, a partir dos conhecimentos das partes, chegar ao conhecimento do todo), precisará ser cuidadosa, uma vez que não podemos perder de vista as relações e interações que ocorrem entre cada um dos processos de territorialização daqueles agentes. Devemos estar atentos para aquilo que Baptista (2014, p.349), citando Capra (1997), nos indica como sendo o “desafio de abordagem dos fenômenos em sua dinâmica, como processo de vida, considerado em suas mais complexas dimensões, inclusive a dos processos subjacentes, não apenas os nítidos, explícitos claramente, não apenas os processos da expressão de superfície concreta”, uma vez que estamos lidando com sistemas abertos, dinâmicos, caracterizados por sua fluidez e mudanças contínuas.

Metodologicamente propomos trabalhar conscientes da quantidade de informações e dados que serão gerados e que precisarão ser analisados. Diante do que Baptista (2014) denomina de “caos informacional” produzido e da certeza da grande entropia (Morin, 1999; Capra, 1997) que qualquer sistema turístico possui, certamente precisaremos lançar mãos dos princípios da complexidade propostos por Morin (2005, 1999): o princípio dialógico, o princípio da recursão organizacional e o princípio hologramático.

Atualmente, esses desafios estão sendo enfrentados a partir de duas frentes de trabalhos, correspondentes a dois projetos de pesquisas em desenvolvimento no âmbito de algumas instituições brasileiras (UFF, UFSCar, USP e IFSP), envolvendo diversos pesquisadores e, pelo menos, três grupos de pesquisas. Ambos almejam a construção de metodologias que viabilizem concretamente o monitoramento e o mapeamento dos espaços e dos fluxos dos territórios do turismo: um deles busca o monitoramento da mobilidade dos turistas (visitantes) e, o outro, trabalha o mapeamento dos movimentos pendulares dos trabalhadores das empresas turísticas.

## **Os territórios do turista**

Na atividade turística, a relação tempo-espaço delinea uma categoria indissociável. Na constituição do território turístico estão presentes espaços que coabitam tempos diferentes, que integram a rede mundial, por isso Teles (2009, p.5) destaca que “Diante desta observação será possível constatar formas de coexistir, materializações diversas, por consequência, espaços geográficos complexos e carregados de heranças e de novas possibilidades, tornando possível analisar as experiências que podem desencadear práticas turísticas”.

Em muitos lugares existem territórios turísticos que se restringem a porções em que se concentram os turistas, atrativos turísticos e equipamentos turísticos. Para Fratucci (2009, p.391) os “lugares turísticos” são as “porções do espaço onde o turismo se manifesta concretamente”. Lugares onde o turista é visível e atuante.

O deslocamento turístico compreendido no contexto da mobilidade, não é mais na contemporaneidade um mero movimento de A para B, mas todo o envolvimento existencial e territorial que este movimento produz (Cresswell, 2006). Por isso, é preciso expandir o conceito de turismo para além do tradicional deslocamento e todas as suas consequências, como a necessidade da criação de espaços especiais para turistas (lugares turísticos) e também o uso dos espaços para a prática do turismo nos lugares dos moradores (Moraes, 2013).

Para Moraes (2013), a amálgama formada na sociedade contemporânea entre a mobilidade e as pessoas, traz para o cotidiano os deslocamentos por turismo como inseridos nas rotinas diárias das grandes aglomerações urbanas. Viajar deixou de ser algo excepcional para tornar-se algo rotineiro. O turista passa cada vez mais a incorporar os locais para onde se desloca e os moradores dos lugares cada vez mais se aproximam dos turistas. Por isso, limitar o território do turismo a partir das ações dos agentes do mercado e dos turistas pode não ser suficiente para explicar a dimensão social do fenômeno turístico atual, que impõe novas relações sociais e funcionais que reorganizam os territórios dos destinos turísticos (Ivars, 2003).

Em geral, o desenvolvimento turístico é tratado e projetado em função da relação de mercado (oferta e demanda). Pelo lado da oferta, o destino turístico comporta serviços e atrativos turísticos, capazes de atender aos visitantes em suas atividades turísticas. Os órgãos públicos de turismo e empresariado local, normalmente, definem elementos



principais a serem promovidos, na expectativa de que atraíam o olhar e o interesse dos visitantes.

Contudo, em cidades que se pretendem turísticas, os focos de interesse poderão estar compostos por elementos mais sutis do que aqueles que se reconhecem por oferta turística. A própria vida urbana, com sua diversidade de paisagens e situações, pode ser foco de atenção dos visitantes, por exemplo, no desenho de uma calçada ou no simples movimento de pessoas em uma praça. Essas e outras atividades típicas de uma cidade podem reter a atenção do visitante, levando-o a escolher suas experiências pela cidade. E, tendencialmente, quanto maior a cidade, mais ampla e profusa será o rol de situações que, potencialmente, poderão motivar as visitas, induzindo fluxos por diferentes áreas do destino turístico (Allis, 2013).

O turista contemporâneo tem interesses de vivências que podem extrapolar os lugares turísticos definidos pelas roteiros de lugares pretensamente interessantes, que seriam os diferenciais de um destino turístico. Pensar de maneira mais ampla sobre o território dos turistas considerando a interface com o morador e as propostas que vão além das tradicionais advindas de inventários turísticos pode configurar novos territórios utilizados por turistas que não necessariamente são territórios turísticos tradicionais. Ampliar o olhar para a mobilidade do visitante nos espaços urbanos permitirá entender melhor quem é o visitante e sua relação com o território seja ele o turificado ou não.

Neste sentido, o projeto “A dinâmica territorial dos fluxos turísticos em espaços urbanos”, vigente desde 2014 e com apoio do CNPq (Chamada Universal Edital 2013) tem por propósito conhecer e compreender, com alguma precisão, a dinâmica territorial dos fluxos turísticos (que, na prática, dizem muito sobre as mobilidades turísticas), o que pode ser uma forma de melhor estruturar a atividade – para o caso de se preverem políticas de controle (por exemplo, em áreas de proteção ambiental ou cultural, que apresentam um limite de utilização física) ou estímulo (por exemplo, espaços que podem vir a constar da política de desenvolvimento local, mas que não figuram nos locais mais demandados pelos fluxos turísticos). Trabalhos semelhantes vêm sendo feitos em Copenhague (Shoval, Isaacson, 2007; Shoval, 2008), Heidelberg e Tel Aviv-Jaffa (Freytag, 2003), Praga (Kádar, 2013), Canberra e Sydney (Edwards et al, 2010), Loch Lomond and Trossachs National Park, na Escócia (Connell et al., 2008), Gerona (Donaire et al., 2008) e Bilbao, San Sebastián e Vitoria, na Espanha (Alzua et al., 2010), Tarragona (Bernadó et al, s/d) e Spek (2008). Não foram identificados registros de trabalhos neste sentido no Brasil.

Para tanto, propõe associar o uso de tecnologias da informação, amplamente disponíveis no mercado e na vida das pessoas (e dos turistas), como aparelhos celulares e aplicativos, capazes de georreferenciar deslocamentos, gerando rotas e não apenas pontos. Neste caso, privilegia-se uma tentativa de rastrear fluxos, com o suporte de telefones celulares conectados à internet 3G e posterior plotagem dos mapas gerados pelos aplicativos para plataformas de edição de mapas (como o *ArgGis Online*). Com isso, deve ser possível identificar perímetros efetivamente utilizados pelos turistas (e não apenas os pontos visitados, como museus ou restaurantes), ainda que, para reflexões futuras, seja

necessário compreender as formas através das quais estes fluxos efetivamente territorializam o turismo nas cidades. Esta ênfase metodológica vale-se do uso de ferramentas e equipamentos que ensejam o aproveitamento das mídias locais, das quais os *smartphones* – ao disporem de GPS integrado, possibilidade de acesso à internet móvel e facilidade de uso de aplicativos, quase sempre gratuitos – são o exemplo mais explícito (Frith, 2015).

Esta pesquisa, por mais que se concentre nos fluxos de turistas, permite entender melhor a dinâmica de utilização dos espaços urbanos, como forma de amplificar e refinar a compreensão do que sejam os territórios do turismo (incluindo suas interfaces com os demais agentes). Assim, contribui para mostrar e discutir como os territórios turísticos se fazem a partir de uma lógica zonal, avançando na visão tecnicista que sugere o território turístico apenas como um conjunto de pontos (atrativos, equipamentos, serviços).

## **Os territórios dos trabalhadores do turismo**

Paralelamente aos estudos dos fluxos dos turistas, o projeto de pesquisa “Os territórios-rede produzidos pelos trabalhadores do setor turístico brasileiro: desenvolvimento de modelo metodológico para estudo e mapeamento do território-rede produzido pelos trabalhadores do setor turístico brasileiro”, vigente desde 2014 e com apoio do CNPq (Chamada Universal Edital 2014), olhando para os territórios do turismo por outro viés, pretende também buscar uma metodologia que nos possibilite a compreensão dos processos de territorialização de outros agentes sociais do fenômeno, até então pouco investigados pelos estudos do turismo contemporâneo, quer seja, dos trabalhadores envolvidos direta ou indiretamente, com a produção e o fornecimento dos serviços consumidos pelos turistas.

Em buscas recentes realizadas em diversas bases de dados disponíveis (Periódicos Capes, Cielo, Research Gate, Academia.edu, dentre outras), direcionadas para explorar o que vem sendo pesquisado e publicado sobre os movimentos dos trabalhadores do turismo fomos surpreendidos por uma produção bastante reduzida. Mesmo lançando as palavras-chaves pré-selecionadas em outros idiomas (inglês, espanhol, alemão e francês), os resultados foram tímidos. (Adiyia *et al*, 2014; Bruns, H.J. HR, 2014; Ford, R. C.; Latham, G.P.; Lennox, G., 2011; Hung, K.; Xiao, H.; Yang, X., 2013; Ionnides, D. Petridou, E, 2012, Jantaa, H.; Ladkinb,, A. Brownc, L. Lugosid, P.; 2001).

Nessa linha de pesquisa, objetivamos encontrar respostas para algumas questões que consideramos fundamentais para os processos de gestão dos destinos turísticos brasileiros: como ocorrem os movimentos pendulares diários dos trabalhadores das empresas e dos empreendimentos turísticos, especialmente nas áreas metropolitanas mais complexas? Onde eles residem permanentemente, onde estudam, onde mantêm seus encontros sociais, suas atividades de recreação e lazer? Quanto tempo dispõem nesses movimentos diários de ir e vir entre suas casas e seus locais de trabalho? Onde procuram oportunidades para se capacitar e se reciclar: nas áreas próximas aos seus locais de trabalho ou onde moram?

Inicialmente, nosso interesse está concentrado nos trabalhadores diretos do setor turístico, especialmente aqueles empregados pelos meios de hospedagens dos destinos turísticos. Intentamos lograr uma metodologia que nos possibilite mapear seus movimentos pendulares diários entre suas residências, seus locais de trabalho e seus locais habituais de educação, lazer e entretenimento. A construção desses mapas irá nos permitir visualizar o território-rede estabelecido por esses agentes sociais que, sobrepostos aos territórios-rede dos outros agentes sociais do turismo, irá nos levar a uma compreensão mais complexa do território do turismo – no caso, olhando com mais atenção para as discontinuidades, colaborando para a tomada de decisões estratégicas e táticas mais compatíveis com as metas de promover processos de desenvolvimento turístico sustentáveis e duradouros nas localidades e regiões turistificadas.

### **Reflexões para discussões**

A compreensão das diversas dimensões do território do turismo, incluindo os territórios que cada um dos seus agentes sociais produz, revela-se um desafio instigante e promissor dentro dos estudos sobre o turismo contemporâneo. Mesmo se focamos esse fenômeno pelo olhar míope da sua importância econômica, percebemos ser necessário ampliarmos nosso entendimento do que seja realmente o território do turismo, de modo a tornarmos possível a construções de políticas mais viáveis e abrangentes para o ordenamento e o desenvolvimento do setor.

O desenvolvimento das pesquisas aqui indicadas aponta para o avanço no conhecimento da complexidade do ordenamento territorial dos destinos turísticos brasileiros, a partir do estabelecimento de metodologias de pesquisa específicas e coerentes com a dinâmica da realidade atual. A construção dos mapas com os fluxos gerados pelas mobilidades diárias de alguns dos agentes sociais do turismo nos permitirá comprovar que o território do turismo é sempre mais amplo que o território do turista conforme entendemos hoje (momentos de visitação ou presença física de turistas em certos pontos) e que, as políticas direcionadas para o seu ordenamento e planejamento não podem se esquivar disso.

Muito do que deve ser ordenado e planejado não está apenas nos espaços por onde os turistas circulam durante as suas viagens. As ações direcionadas à formação, qualificação e atualização da mão de obra do setor, por exemplo, não necessariamente devem ocorrer nos lugares turísticos, uma vez que grande parte dos trabalhadores atuais e potenciais dificilmente conseguem morar ou estudar ali.

Também os turistas, na sua mobilidade e independência e nos seus múltiplos olhares, acabam por “fugir” dos territórios turísticos tradicionais, em busca de novas experiências e novas sensações que nossas cidades, vilas e periferias oferecem. Assim vemos esses agentes sociais se aventurando por áreas até pouco impossíveis de serem pensadas como turistificáveis, como as favelas do Rio de Janeiro, de Mumbai, da Cidade do Cabo.

O desenvolvimento e aprofundamento desses pontos de reflexão, aliados às pesquisas futuras dos movimentos de outros agentes sociais envolvidos com o desenvolvimento dos

destinos turísticos podem contribuir para um diagnóstico mais detalhado e completo da dinâmica e da complexidade dos espaços apropriados para o turismo, identificando pontos de estrangulamentos e de conflitos entre os interesses de cada um deles, entre si e com outros setores da vida urbana local.

Do ponto de vista da contribuição para o estudo acadêmico do fenômeno turístico, certamente trarão novas formas e ferramentas para o estudo dos destinos turísticos, contribuindo para o aprofundamento dos conhecimentos teóricos e empíricos sobre o mesmo. Novos pontos de vistas sobre a dinâmica espacial dos agentes sociais produtores do turismo serão descortinados, ampliando o entendimento sobre os mesmos e, possibilitando o enriquecimento e o fortalecimento dos processos de decisões sobre o seu funcionamento e ordenamento.

Portanto, conhecer, com alguma precisão, a dinâmica territorial dos fluxos turísticos (que, na prática, dizem muito sobre as mobilidades turísticas) pode ser uma forma de melhor estruturar a atividade – para o caso de se preverem políticas de controle (por exemplo, em áreas de proteção ambiental ou cultural, que apresentam um limite de utilização física) ou estímulo (por exemplo, espaços que podem vir a constar da política de desenvolvimento local, mas que não figura nos locais mais demandados pelos fluxos turísticos).

Como um ensaio teórico o texto não se propõe completo, pelo contrário. Trata-se de uma abertura de discussão que entendemos ser necessária e urgente. Buscamos por pistas e trilhas (Baptista, 2014) que nos ajudem a ampliar nosso conhecimento sobre os espaços turistificados e suas diferentes concepções, nuances. Para tanto, queremos mergulhar no conhecimento do fenômeno turístico e ampliar nossos pontos de visões sobre ele, numa busca dialógica, dialética e contínua.

## Referências

- Adiyia, B., et al (2014). Spatial analysis of tourism income distribution in the accommodation sector in western Uganda. *Tourism and Hospitality Research*, 14(1–2), 8–26.
- Allis, T. (2012). *Projetos urbanos e turismo em grandes cidades: O caso de São Paulo*. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- Allis, T. (2013) “A dinâmica territorial dos fluxos turísticos em espaços urbanos”. Projeto submetido ao CNPq (Edital Universal 2013), 20p.
- Allis (2014) Viajantes, visitantes, turistas... Em busca de conceitos em um mundo urbano. *Caderno Virtual de Turismo*. Edição Especial: Hospitalidade e políticas públicas em turismo. Rio de Janeiro, 14, supl. 1, pp.87-96.
- Alzua, A, Aramburo, I., Gerrikagoitia, J. K., Peralta, M. & Espinosa, N. (2010). eGIStour: Sistema de medición de flujo de visitantes. *TURITEC 2010*: pp.289-300 conference papers.
- Baptista, M. L. C. (2014). Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação. *Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade* 6(3), pp.342-355.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Bernadó, O., Bigorra, A., Pérez, Y., Russo, A. P., & Clavé, S. A. (2013). Analysis of Tourist Behavior Based on Tracking Data Collected by GPS. In *Geographic Information Systems: Concepts, Methodologies, Tools, and Applications* Hershey, PA, 1100-1119.
- Boullón. R. C. (1990). *Planificación Del espacio turístico*. (2a ed.) . México: Trillas.
- Bruns, H.J. (2014). HR development in local government: how and why does HR strategy matter in organizational change and development?. *Business Research* , 7, pp.1–49
- Capra, F. (1997). *A teia da vida: uma nova compreensão dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix.
- Coriolano, I.N. (2006). Turismo: prática social de apropriação e de dominação de territórios. In: Lemos, M.I.G.; Arroyo, M. & Silveira, M.L. *América Latina: cidade, campo e turismo*. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo. Disponível em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/21coriol.pdf>. Acesso em 05 mai. 2015.
- Connell, J. & Page, S. J. (2008). Exploring the spatial patterns of car-based tourist travel in Loch Lomond and Trossachs National Park, *Scotland Tourism Research* 29(3), pp.561-580.
- Cresswell, T. (2006). *On the move: mobility in the modern western world*. New York, Routledge.
- Cruz, R.C.A. (2006). Planejamento governamental do turismo: convergências e contradições na produção do espaço. In: Lemos, A.I.G. , Arroyo, M. & Silveira, M.L. *América Latina: cidade, campo e turismo*, CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo. Disponível em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/21coriol.pdf>. Acesso em 05 mai. 2015.
- Donaire, J. A. & Galí, N. (2008). Modelling tourist itineraries in heritages cities. Routes around the Old District of Girona. *Pasos* 5(3),pp. 435-449.
- Ford, R. C.; Latham, G.P.& Lennox, G. (2011). Mystery shoppers: A new tool for coaching employee performance improvement. *Organizational Dynamics*. 40, pp.157—164. Disponível em [www.elsevier.com/locate/orgdyn](http://www.elsevier.com/locate/orgdyn)
- Fratucci, A. C. (2014). A dimensão espacial das políticas públicas de turismo no Brasil. In: Pimentel, T.D.; Emmendoerfer, M.L. & Tomazzoni, E.L.(Orgs.). *Gestão pública do turismo no Brasil: teorias, metodologias e aplicações*. Caxias do Sul, RS: Educs.
- Fratucci, A. C. (2008). *A dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de turismo: as possibilidades das redes regionais de turismo*. Niterói-RJ: UFF, 308 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ.
- Fratucci, A. C. (2009). Refletindo Sobre a Gestão dos Espaços Turísticos: perspectivas para as redes regionais de turismo. *Turismo em Análise*, 20 (3), pp.391-408.
- Fratucci, A. C. (2014) Turismo e território: relações e complexidades. *Caderno Virtual de Turismo*. Edição Especial: Hospitalidade e políticas públicas em turismo. Rio de Janeiro, v. 14, supl. 1, pp.87-96.
- Freytag, T. (2003) *Städtetourismus in Heidelberg: Ergebnisbericht zur Gästebefragung*. Geographical Heidelberg: Institute of Heidelberg University.
- Frith, J. (2015). *Smarphones as locative media*. Cambridge, Malden: Polity.
- Gandara, J.M.G., Souza, C.A.& Lacay, M.C. (2011) O marketing turístico como instrumento de produção e transformação do espaço na região de Foz do Iguaçu e municípios lindeiros ao Lago de Itaipu. *CULTUR Revista de Cultura e Turismo*, 5(2), pp.19-42.
- Haesbaert, R. (2011) Concepções de território para entender a desterritorialização. In. SANTOS, M. et al. (org.). *Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. Rio de Janeiro: Lamparina, pp.43-71.

- Hall, M.; Page, S.J. (2014). *The geography of tourism and recreation: environment, place and space*. (4a ed). Routledge: Oxon, New York.
- Hung, K., Xiao, H. & Yang, X. (2013). Why immigrants travel to their home places: Social capital and acculturation perspective. *Tourism Management*, 36, pp.304-313.
- Ionnides, D. Petridou, E. Tourism works and the equity dimension of sustainability. In: Leslie. D. (2012). *Tourism enterprises and the sustainability agenda across Europa*. Fanhran (UK), Burlington (USA): Ashgate, pp.187-203.
- Ivars, J A. (2003). *Planificación turística de los espacios regionales en España*. Madrid.
- Jantaa, H.; Ladkinb,, A. Brownc, L. Lugosid, P. (2001). Employment experiences of polish migrant workers in the UK hospitality sector. *Tourism Management*, 32(5), pp.1006–1019
- Kádár, B. (2013). A morphological approach in defining the causes of tourist-local conflicts in tourist-historic cities. *RC21 Conference*. Berlim.
- Knafou, R. (1996) Turismo e território: por uma abordagem científica do turismo. IN: Rodrigues, A. (Org). *Turismo e Geografia: Referenciais teóricos e enfoques regionais*. Ed. Hucitec, São Paulo.
- Moraes (2013). *Eventos em megacidades e a vulnerabilidade climática: o caso de São Paulo*. 2013. 302 fs. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.
- Morin, E. (1969). *Le vif du sujet*. Paris: Editions du Seui.
- Morin, E. (1999). *O método 3: o conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina.
- Morin, E. (2005). *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina.
- Massey, D.; Keynes, M. (2012) Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. *Revista GEOgraphia*. Niterói/RJ, número especial, pp.7-28.
- Moura, R. (2007). O turismo no projeto de internacionalização da imagem de Curitiba. *Turismo - Visão e Ação*, 9(3), pp.341-357.
- Rodrigues, A. B. (1997). *Turismo e Espaço. Rumo a um conhecimento transdisciplinar*. São Paulo: Editora HUCITEC.
- Santos, M.(1997). *Espaço e método*. (4a ed.). São Paulo: Nobel.
- Souza, M.L. (1995): Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: Castro, I.E. et al (org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- SHOVAL, N.; ISAACSON, M. (2007). Tracking tourists in the digital age. *Annals of Tourism Research*, 34, pp.141–159.
- SHOVAL, N. (2008). Tracking Technologies and urban analysis. *Cities*, 25, pp.21-28.
- SPEK, S. van der. (2008). Spatial Metro: Tracking Pedestrians in Historic City Centres. In van SCHAICK, J., SPEK, van der, S., (eds). *Urbanism on Track: Application of Tracking Technologies in Urbanism*. Amsterdam: IOS Press, pp. 79-102.
- Teles, R. (2009). *Fundamentos geográficos do turismo*.Rio de Janeiro: Campus/Elsevier.